

## O TRINÔMIO: HOMEM — NATUREZA — DEUS NA FENOMENOLOGIA LITERÁRIA

HERIBERTO ARNS

*"What are the eternal objects of poetry, among all  
nations and at all times" — Matthew Arnold*

David Daiches no "Epilogue" de sua obra "Critical Approaches to Literature"(1), após um exaustivo estudo de 400 páginas sobre a Crítica Literária, de seus fundamentos filosóficos, de seu manuseio prático, seus métodos, suas interdependências, chega à conclusão que, sendo a obra artística maior que seu intérprete, nem o maior dos críticos sucederá em avaliar a obra de arte, e seu empenho não passará de uma tentativa e seu resultado será parcial, incompleto.(2)

Para que o crítico pudesse alcançar todo o valor poético, a essência criativa, as dimensões do pensamento numa obra literária, seria necessário que ele e o artista fossem dotados dum idêntico poder criador estético, e mais, o crítico deveria possuir o extraordinário dom que os gregos chamavam de "enpathia" e sobre cujo conteúdo filosófico Lipps construiu sua teoria literária da "*Einfühlung*" e os fenomenologistas tentam um novo método através da "*Wesensintuition*".

Não é o intuito desta reflexão reabordar a questão da criteriologia subjetiva e objetiva, o método aristotélico e platônico, analítico ou intuitivo. Trata-se, antes, de uma reflexão de caráter didático que tem por objeto a pergunta de Matthew Arnold que antepomos ao trabalho: "What are the eternal objects of poetry, among all nations and at all times". A questão atinge o problema da criatividade artística e, em suas deduções, a criteriologia literária em geral.

As diferentes Teorias da Expressão Estética implicam e sempre implicaram em novos métodos de Crítica Literária. Há, no entanto, um princípio que permanece de pé como a expressão do bom senso da exegese artística: Esgotar o sentido, o valor da obra, sem lhe juntar elemento estranho, subjetivo, pessoal, o que os alemães souberam

---

(1) Longmans.

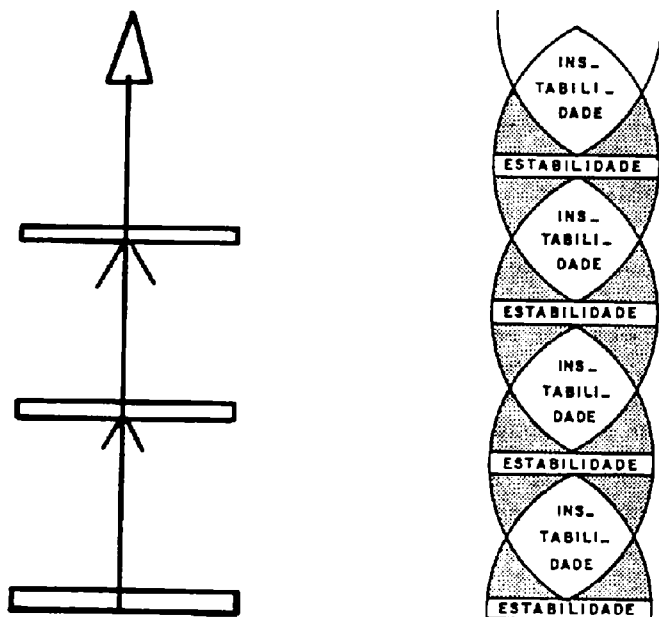
(2) "Art is greater than its interpreters, and it should be clear that not even the greatest critic has been able to pin down all its kinds of significance and value. All criticism is tentative, partial, oblique. — *ibid.* D. Daiches.

resumir num axioma sugestivo: "Alles herauslesen; Nichts hineinlesen".(3)

Entelequia, termo aristotélico, significativo da tendência à perfeição, representa, num sentido mais amplo, a própria dinâmica, inerente ao Ser Homem, na sua busca de realização. Na expressão de **S. Kierkegaard**, é humano tender à Perfeição, como é humano não realizar a Perfeição. O Homem é simultaneamente Finito e Infinito. Esta condição humana já levara **Jean Paul** à expressão da "Beleza Espectral" "unendlich Schoene" e a **Hegel** à formulação da "Arte Absoluta"(4) que tende a apresentar não a existência, mas a **perspectiva superior da Existência**.

O Homem é um Ser a caminho da realização duma meta irrealizável, porque infinita, e a Arte encontra aí o objeto estético, quando se debruça sobre o Homem insofrido consciente desta misteriosa condição humana.

A própria História da Civilização é a História ampliada da insc freguidão inerente à condição humana do Ser-Homem, na busca de sua realização.



(3) ler tudo para fora, não ler nada para dentro da obra.

(4) G.W.F. Hegel, "Die Phänomenologia des Geistes" — p. 10 "die absolute Kunst" B. — Verlag — Hamburg".

Todo o ciclo histórico é um pedaço dos anseios realizados ou frustrados dos Sêres-Homens em busca de sua realização. Daí, os períodos de estabilidade e instabilidade. Fases de estabilidade caracterizam conquistas parciais, temporárias, de realizações e de estruturas que, não sendo perfeitas nem definitivas, são combatidas, sofrendo a reação de novas iniciativas, idéias e ideais visando novas estruturas, processo êsse dinâmico incessante que obedece à lei da ação e reação.

**Não é a insatisfação desta nossa geração, por exemplo, uma procura do Homem insofrido, que, não obstante tôdas as conquistas do século, se sente frustrado no anseio de sua realização humana? A violência de nossa geração se insurge contra que? Contra as estruturas que foram a esperança, a confiança e a conquista da geração que nos precedeu.**

A reflexão sôbre o fenômeno que ora se apresenta, sugere-nos a inquirir as causas e o sentido de tal constante na história humana cujo espelho é a Arte e mais expressamente, a Literatura.

Há ciclos de estabilidade e instabilidade na história; há êsses mesmos ciclos de estabilidade e instabilidade na história literária.

Cada ação e reação é precedida ou desencadeada por uma idéia e por uma atitude de espírito, uma filosofia.

O choque de idéias e de atitudes de espírito constitui a constante dinâmica do processo cultural. "Zeitgeist", termo significativo da precariedade das realizações e atitudes das gerações dentro do tempo, é indicativo da irrealizabilidade da perfeição, dinâmica que caracteriza a condição "Homem", finito na conquista, infinito nos anseios, nas ânsias que correspondem à verdadeira entelequia antropológica.

### O TRINÔMIO: HOMEM — NATUREZA — DEUS

As Escolas Literárias são a expressão, imperfeita, acentuadamente didática, dos ciclos de estabilidade e instabilidade. Classicismo, barroco, gongorismo, pré-romantismo, romantismo, realismo, naturalismo, existencialismo são fórmulas de conteúdos relativos, mas indicativos de transformações profundas operadas no espírito do Homem através dum processo de conquistas e de abandonos de estruturas dando lugar a fenômenos novos que o gênio artístico de cada época interpreta, na forma e no conteúdo, que lhe inspira o impacto de novas expressões ditadas pela dinâmica da entelequia humana. São as encruzilhadas do Tempo. **A percepção dos elementos essenciais e circunstanciais do Tempo** e de suas conotações hermenêuticas, é a

premissa para uma análise, é a "conditio sine qua non" da crítica literária.

Deus, Natureza e o Homem pode ser considerado um trinômio de acordo com cuja equação, ou não, se esboçam núcleos de mudanças, conflitos, crises e frustrações.

A colocação desses três elementos essenciais da filosofia cultural na respectiva hierarquia de valores, enseja a atitude de espírito, as normas diretivas para as ações de indivíduos, grupos, comunidades, no Tempo, determinando o "Zeitgeist" e o "Background", as estruturas psico-sociais sobre as quais o Homem tenta estabelecer suas temporárias conquistas e das quais deslança para novos cometimentos de seu espírito.

Há, no processo da dinâmica cultural, elementos essenciais em torno dos quais gravitam elementos outros que, em última análise, são elementos componentes, integrantes desses, ou meros elementos circunstanciais. A História Cultural demonstra que, pela dinâmica do **princípio da Ação e Reação**, mesmo os elementos essenciais sofrem **desgaste psicológico**, invertendo-se a ordem de seu valor, dentro de uma conjuntura cultural, apresentando, toda a inversão dos respectivos componentes, do que ora chamamos trinômio entelético, uma nova **fenomenologia cultural-literária**.

Sendo esta reflexão não um tratado filosófico, mas uma consideração de natureza didática, tentaremos concretizar e exemplificar o exposto, em breve síntese, através de: **A Literatura Norte-Americana na sua conjuntura trinominal entelética**:

### Século 17

RENASCENÇA		
HOMEM	NATUREZA	DEUS (*)

H = Visão ou dimensionamento horizontal da Vida.

Homem, centro da filosofia, das Artes.

Conquistas evangélicas de inspiração heróica, acentuadamente terrena.

Liberalismo Moral.

N = Descobertas científicas e geográficas.

Naturalismo nas Artes.

D = Imagem bíblica de Deus, mas em forma antropológica mítica.

Liberalismo religioso.

(\*) O gráfico considera os componentes do trinômio unicamente como fenômenos literários.

	PURITANISMO	
DEUS	NATUREZA	HOMEM

- D = Visão vertical, essencialmente teológica, da Vida.  
Deus Pessoal(5)  
Deus-Juiz – Predestinação
- N = Manifestação da complacência e do terror de Deus.  
Influência e intervenção de Satã. (fenômenos parapsicológicos – “Witchcraft”)
- H = O Homem em estado de corrupção.  
Predestinado.  
Teocracia, ideal político.  
Integrismo ético.

### Século 18

	IDADE DA RAZÃO	
NATUREZA	HOMEM	DEUS

- N = Natureza é boa.  
Capacidade do Homem de penetrá-la pela ciência que rejeita a revelação divina (racionalismo).
- H = O Homem é naturalmente bom.  
Afirmação dos Direitos do Homem.(6)
- D = Arquiteto do Universo, sua Primeira Causa.  
Deus cosmogônico ou cosmomecânico.  
Deísmo.

	PRÉ-ROMANTISMO	
NATUREZA	DEUS	HOMEM

- N = Idealização da Natureza.  
Natureza, “habitat” do Homem, sua Mestra na Vida; seu abrigo na Morte.
- D = O conceito deístico despe-se do racionalismo.  
Aproximação dos conceitos: Deus e Natureza.  
Providência Divina-Naturalística.
- H = Rousseauismo.(7)

(5) “an angry God” – J. Edwards.

(6) “The Rights of Man” – Th. Paine.

(7) **Rousseauismo** – Rousseau (1712-1778) é considerado como um “fenômeno epocal” (Laath) pois, mais que qualquer outro pensador e literato, revolucionou as estruturas da nossa

Homem averso à civilização, saudoso do seu estado primitivo.

### Século 19

	ROMANTISMO	
HOMEM	NATUREZA	DEUS

Natureza e Deus se confundem em sua ação em relação ao Homem através de "The Oversoul", "The Unifying element" do Transcendentalismo emersoniano ("the Universal Soul").

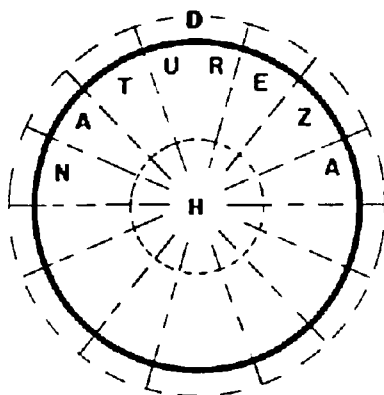
"Revelation of God in Nature".

"Man becomes God".

Visão panteísta.

O Homem realiza-se pela experiência do Divino.

"God's Power in Man's genius".



civilização ocidental. Sua influência marca, na literatura, o fim da Idade da Razão, do neoclassicismo, do rococó, inspira os pré-românticos, fornece o substrato filosófico ao incipiente romantismo e, em suas "Confessions", em que pretende "dar sua contribuição para o estudo do Coração Humano... do Homem, do Homem que sou Eu, somente", lança lampejos dum prenunciamento existencial. Seu "debut" filosófico-literário representa um desafio à Idade da Razão: "Será que o progresso da Ciência e das Artes purificou ou corrompeu os costumes?" "Emile" e "Le Contrat Social" fornecem os fundamentos para uma nova pedagogia e política, retirando da experiência histórica a conclusão de que é necessário voltar à Natureza virgem, edênica e ao Homem-Indivíduo e colocá-lo lá onde, em seu primitivo "habitat", distante da corrupção da civilização, possa conscientizar-se de seu Destino. Embora na dialética nem sempre se livre das estruturas deístas de seu tempo, o autêntico Rousseau se revela no despertar da nova consciência social e na apresentação do Novo Homem Romântico que anseia por uma comunhão do Homem com a Natureza e da Natureza com Deus. O Rousseauismo está presente na literatura pioneira americana desde Crèvecoeur, em J.F. Cooper, Gilmore Simms, na literatura abolicionista, e na obra existencial-romântica de Henry David Thoreau.

	REALISMO	
HOMEM	NATUREZA	DEUS

Racionalismo contra a intuição.

Restabelece-se a visão mecanística do mundo e da Vida com suas Realidades palpáveis. A Realidade: "Homem — Civilização".

Natureza e Deus secundarizam-se como fenômenos literários.

Literatura Documental.

	NATURALISMO	
NATUREZA	DEUS	HOMEM

Literatura experimental — naturalista.

Realidade Interior do "Homem-Civilização" (causalogia naturalística). Sociologismo e psicologismo.

Visão Científica ou pseudo-científica, determinista, fatalista.

## Século 20

	EXISTENCIALISMO	
HOMEM	DEUS	NATUREZA

A revolta do Homem da era da supercivilização.

Deus e Natureza, Bíblia e Filosofia no contexto dialético da Causalogia do Mal da Existência.

Desafio, resignação, Nihilismo.

## CONOTAÇÕES

### Século 17

Cristóvão Colombo sentiu-se fascinado pelo livro de Pierre d'Ailly "Ymago Mundi". Cabe neste contexto a definição de **Renascença** de J.A.Symonds como sendo o redescobrimento do Homem e do Mundo. O Homem da Renascença preocupa-se com a visão do mundo em sua dimensão horizontal global. Completar a "Ymago Mundi" em sua plenitude ao alcance, foi a mola mestra da plêiade de descobridores dos novos mundos, como Vasco da Gama, Cristóvão Colombo, Humphrey, Drake, Raleigh(8) e John Smith. Estes dois últimos iniciaram a colonização de língua inglesa no Continente Americano.

(8) RALEIGH — A colonização levada a efeito por Raleigh tem hoje o nome de "Raleigh's Lost Colony". Foi fundada em 1587, no atual Estado de North Carolina. A leva de imigrantes compunha-se de 91 homens, 17 mulheres e 9 crianças. Lá nasceu a primeira criança de origem inglesa. Não houve, porém, sobreviventes.

Duas foram as primeiras correntes imigratórias que marcaram o espírito americano do século: primeiro, a colonização **liberal-renascentista-elizabetana na Virgínia**, assim batizada em homenagem à Rainha-Virgem; segundo, a colonização **puritana, integrista, teocrática de New England**.

O Puritanismo tem suas raízes teológicas na reforma de **John Calvin** (1509-1564): A Bíblia relata a história da Criação e da Queda do Homem. Após a queda, o Homem, em sua natureza depravada, é incapaz de escolher sua sorte eterna. A salvação ou perdição é, pois, uma escolha divina que predestina o Homem.

John Smith, de espírito liberal, renascentista-elizabetano, líder da primeira colonização permanente da Virgínia, Jamestown, fundada em 1607, foi o verdadeiro descobridor de New England, que viria a ser a capital do Puritanismo americano. Seu liberalismo impediu que ele fosse integrante dessa nova colonização de New England, cuja primeira leva composta de Pilgrims, imigrou, em 1620; a segunda, de definida ideologia puritana, em Massachusetts's Bay, em 1629. O sistema político era a **Teocracia**, que procurava realizar a idéia bíblica de um Governo de Deus para um Povo de Deus. Segundo seus principais líderes, os Mathers, o Estado era inferior à Igreja, a qual orientava a vida temporal e espiritual e ditava normas éticas de procedimento austero e sanções rigorosas. Os acontecimentos políticos na Inglaterra refletiram sobre os da América: Em 1649 Carlos I foi executado e o Puritano Cromwell torna-se "Protetor". Em 1658, morte de Cromwell. Em 1660, restaura-se a Coroa, com Carlos II. O Puritanismo americano, porém, resistiu muito mais às modificações políticas do além-mar que ao impacto de novas idéias do século 18. Muito justa a análise de Cotton Mather, que atribui o fim do Puritanismo a "Time and Fate".

## Século 18

O Século 18 é geralmente chamado de século leigo, científico, racionalista, deísta, reacionário contra o puritanismo e o seccionalismo religioso. É o século da fundação da Maçonaria. B. Franklin propagou a filosofia maçônica e aderiu à loja de Philadelphia que, por sua vez, incentivou a fundação da primeira loja em Boston. G. Washington aderiu ao credo maçônico em 1752 e fez o juramento presidencial sobre "his Masonic Bible".(9) Embora a maçonaria não represente cunho anti-religioso, seu credo formal é o Deísmo, filosofia adotada pelos "founding fathers" como Franklin, Washington, Jefferson e pelos

---

(9) Dictionary of American History — vol. III.



ideólogos da independência, como Th. Paine e Philip Freneau. A filosofia deísta caracteriza o século dezoito que, por vezes, é chamado de neo-clássico e sua influência se estende até o Pré-Romantismo americano, cujos primeiros fenômenos remontam ao próprio despertar da nova nação.(10)

O liberalismo religioso representado pelo Deísmo é secundado pelo liberalismo político na linha progressiva(11) Hobbes — J. Locke — J.J. Rousseau. A própria questão histórica do Federalismo (A. Hamilton) e dos Republicanos (Th. Jefferson) teve sua origem e tem sua explicação nesse contexto filosófico-político.

O Neo-classicismo e o Pré-Romantismo, ambos movimentos tran-

---

(10) **Deísmo** — Em 1740 começa o movimento de uma teologia liberal, racionalística entre os líderes religiosos de New England e outras cidades. Shaftesbury e Collins, cujas obras constam da biblioteca de leitura do jovem B. Franklin, deduziram da concepção do Universo de Newton (1643-1727) o corolário de uma nova idéia de Deus, como Primeira Causa, ou, o Universo como autogovernada máquina, ou ainda, Deus como o Supremo Arquitecto que, tendo criado uma perfeita, auto-regulante Máquina, já não se preocupa com a Sua Criação. É o Deus cosmoagônico ou cosmomecânico. Priestly (1733-1794) aplica o mesmo pensamento em outra analogia: Da existência do relógio conclui-se para a existência do fabricante de relógio (watch-watchmaker). Assim conclui-se da existência do Universo para a existência de Deus, numa concepção mecanicista.

(11) **Hobbes**, Thomas (1588-1679) professor de matemática do Príncipe de Wales, representa o pragmatismo político e coloca a Natureza e o Homem como objetos da investigação científica. O Homem, por um instinto inato, tende à auto-preservação, o que o torna egoísta. Em "Leviathan", publicado em 1651, expõe sua teoria política. Sendo o Homem fundamentalmente egoísta, um Estado sem governo levaria à anarquia. Por isso o Homem deve ceder a um Governo alguns de seus Direitos em troca da ordem, segurança e proteção. Aconselha um Governo forte, "a benevolent despotism".

**Locke**, John (1632-1704), Expatriado, por suspeita de cumplicidade na "Shaftesbury's plots" em 1684, publicou em 1690, sua Teoria de Estado em "Treatises of Government" em que deriva a autoridade política do Povo com origem no contrato social, "Original Contract", contrário ao "Leviathan" de Hobbes. Governar, para Locke, significa servir aos governados. Estabelece "Os Direitos Fundamentais do Homem" "all men are entitled to life, liberty, and property". Este, como outros conceitos de Locke, foram incluídos na "Declaração de Independência dos Estados Unidos da América".

**J.J. Rousseau** — Discípulo de Locke, Rousseau considera o Governo um mal necessário, proveniente da civilização que corrompe o Homem. No "Contrato Social" defende a forma democrática do governo, o sufrágio popular e a soberania do povo.

Nas discussões referentes à ratificação da Constituição Norte-Americana, as Teorias de Estado de Hobbes, Locke e Rousseau dividiram os líderes em duas facções ideológicas antagônicas: os **Republicanos** e os **Federalistas** liderados, respectivamente por Th. Jefferson e A. Hamilton. Os Republicanos (os ancestrais dos Democratas de hoje) defendiam um governo liberal, descentralizado, estruturas econômicas agrárias, enquanto os Federalistas se batiam por um governo forte, centralizado, sistema financeiro federal poderoso. Este último postulado federalista teve sua concretização num fato histórico que determinou o que mais tarde foi considerado uma grande conquista "The American System": a instituição de "The National Bank". "The American System" sinônimo da Eficiência, de Grandeza e de Progresso Material e das aberrações do incipiente capitalismo americano levou homens como Emerson, S. Lanier, Thoreau e outros a conscientizar a Nação dos valores transcendentais como essenciais à verdadeira realização do Homem e da Civilização Americana.

sitórios, apresentam ainda elementos comuns, mas há uma lenta mudança de atitude sobre os princípios fundamentais.(12)

## Século 19

O Transcendentalismo Americano, influenciado mais diretamente pelo Transcendentalismo europeu, de Goethe, Kant, Schelling, Carlyle, é a nota predominante do Romantismo Americano, conscientizando não apenas a escola emersoniana, mas ainda a novela de Hawthorne e de H. Melville, a poesia de Lanier, toda obra poética de Walt Whitman e de Emily Dickinson. Embora por influências outras que não o Transcendentalismo emersoniano, vamos encontrar uma nota de transcendentalidade no Gótico de Poe ("terror of the soul") e no próprio "time and place spirit" de Cooper e G. Simms. Não citamos poetas outros de religiosidade teológica definida como, por exemplo, Whit-  
tier.

## Romantismo

Baseados em Platão — Leibniz, Locke, Kant, e Fichte aceitam a Idéia como Realidade existente, o que representa o conteúdo fundamental do **Idealismo Subjetivo**.

**Kant** — Immanuel (1724-1804)

Em "Kritik der Praktischen Vernunft" (1788) Kant defende alguns princípios que levam ao **Idealismo Transcendental**: "Ding an sich" é o irreconhecível verdadeiro ser, por assim dizer, encoberto atrás do mundo fenomenológico. "Die Dinge" formam o mundo inteligível (intelligible freie Welt) e o mundo sensível (sinnliche Welt). Este está sujeito ao conexo causal (causa x efeito); aquele, "der Dinge in sich" não pode ser apercebido, como é em si, pois "espaço e tempo" são apenas formas duma percepção sensível.

Transcendental, no contexto filosófico, representa, pois, o que transcende a percepção, a experiência perceptiva, e a capacidade imaginativa (Vorstellungsmöglichkeit).

**Schelling**, Fr. W. Jos. (1775-1854).

A filosofia da identidade é defendida por Spinoza, Schelling, He-

---

(12) Veja-se, por exemplo, Th. Paine, que em "The Age of Reason" defende que "the only idea that man can affix to the name of God, is that of the first cause, the cause of all things...". Em "The Power of Fancy" de Ph. Freneau, a Razão sugere "The Power Divine" e a Natureza "Leads me to some lonely dome, Where Religion loves to come". Na fase pré-romântica de W.C. Bryant, ainda sob a influência do Deísmo, em seu poema de juventude, "Thanatopsis", todo êle voltado para a Natureza e o Eterno, não ocorrem as palavras ou termos como "immortality", "resurrection".

gel e Hartmann: considera que matéria e espírito procedem do Absoluto ("Urgrund"). Tôdas as diferenças contrastantes (Gegensätzlichkeiten) são, quanto à sua identidade, apenas formas de manifestação exterior da mesma identidade.

Schelling desenvolveu o "Identität's-System" e uma mística panteística em que criou a "**Welt-Seele**", alma universal, ou alma do Universo, teoria que empolgou a Goethe, principalmente quando, em sua **Teoria Estética**, aplicou a "Transzendental Philosophie" às Artes, porque — argumenta Schelling — na conceituação **Beleza — Liberdade — Natureza**, a idéia se torna matéria.

**Carlyle**, Thomas (1795-1881).

Carlyle foi acérrimo oponente à visão racionalista do mundo, que chamou de "terrível máquina a vapor". Incentivado pelo livro de Madame de Staël "De l'Allemagne", procurou a Filosofia e a Literatura de inspiração idealística alemã. Tornou-se Carlyle, através de "Essays" publicados no "Edinburgh Review", o intermediário do pensamento filosófico-literário transcendental entre as duas literaturas. **R. W. Emerson**, em sua viagem à Europa em 1832/33, travou amizade com Wordsworth, Coleridge e sobretudo com Carlyle, que lhe chamou atenção para a riqueza da filosofia transcendental, que se tornou desde então o fundamento de todo pensamento emersoniano e o núcleo filosófico da **Escola Transcendentalista de Concord**.

### **Realismo, Naturalismo(13) e Existencialismo**

A realidade da era da máquina sufoca os anseios românticos. O progresso industrial marginaliza as grandes massas humanas, urbanas e rurais. Quando **William Dean Howells**, o primeiro presidente de "The American Academy of Arts and Letters" encorajava os gênios de seu tempo, Mark Twain, Henry James, Garland, Norris e Crane, defendia êle uma literatura "**closer to life**" e pronunciava-se, ao mesmo tempo, contra a literatura de exploração do sórdido, do sexo e do crime. Foi, no entanto, essa literatura, violenta, que deu à Literatura Norte-Americana o lugar de liderança, no século 20.

O Realismo, liderado por Howells, e definido por êle como "**The truthful treatment of material**", não deveria aderir a uma filosofia ou tendência, mas simplesmente apresentar a Realidade.

---

(13) Realismo e Naturalismo — Uma classificação definida dessas escolas literárias, de autores e suas obras, conforme um esquema, torna-se difícil. A diferenciação tendencial existe e ela se torna particularmente valiosa numa literatura eclética, como é a moderna, em que Realismo e Naturalismo se beneficiam mutuamente, não só porque o documental-realista serve de subsídio ao experimental-naturalista, mas ainda porque ambos inspiram técnicas literárias sempre novas correspondendo cada vez mais à versatilidade e à mobilidade do Homem Moderno.

O Naturalismo, por sua vez, na sua função analítica dos problemas humanos, procurava suporte nas ciências sociológicas e psicológicas em que pudesse fundamentar seu determinismo: Taine, Marx, Darwin, Nietzsche, Freud. Realismo, Naturalismo e Existencialismo coexistem, no tempo e nas próprias obras dos autores. O naturalismo, por vezes, parece preceder ao realismo, como em Crane e Norris. O realismo mantém-se principalmente na grande geração de escritoras dentro do critério de seu Mestre Howells, selecionando o material humano e seu tratamento literário, limitando-se, outras vezes, aos fenômenos de superfície da civilização americana, como em Lewis e Tarkington. "The Lost Generation" — Fitzgerald, Dos Passos e Hemingway, apresenta a geração duma intelectualidade americana desiludida, prenunciando uma literatura existencial. T. Wilder reabre o diálogo sobre o metafísico; O'Neill, o problema de Deus na consciência do Homem ou o problema do Homem e suas situações existenciais, experimentando tôdas as soluções, desde a revolta em "Lazarus Laughed", resignação em "Days without End", até o nihilismo do cemitério cósmico em "The Iceman Cometh".

### Existencialismo

A literatura existencialista representa, conforme R. Haller, o movimento geral de tôdas as correntes de natureza espiritual que se caracterizam pela expressão do impacto que causa o estremecimento dos condicionamentos tradicionais no terreno da metafísica, religião e moral no processo da conscientização da Existência.

Precursor do Existencialismo é considerado **Sören Kierkegaard** (1813-1855), cujas obras tiveram especial repercussão no início deste século e influenciaram o pensamento da Jaspers, Heidegger, Rilke, K. Barth. Alguns filósofos existencialistas, como Marcel, J.P. Sartre e A. Camus, valeram-se da Literatura poética para expressar sua problemática filosófica.

O existencialismo cristão é representado por G. Marcel, E. Mounier, Unamuno, P. Wust, parcialmente, P. Claudel, Saint-Exupéry, Ch. Péguy e outros.

O existencialismo, na literatura americana, não alcançou uma expressão definida. Está, porém, presente na obra literária de uma geração de escritores, como Thornton Wilder, W. Saroyan, Tennessee Williams, Arthur Miller, Albee e sobretudo em Eugene O'Neill, que, desde a juventude, lia "O Profeta do Existencialismo", **Nietzsche**, decorava-lhe passagens inteiras e inspirava-se no "Thus spake Zarathustra", o que revelam suas peças mais vigorosas quando o pensamento

existencial-religioso domina a problemática O'Neilliana. (Veja "A Religiosidade Existencial de Eugene O'Neill — Lêtras n.º 16 1968).

### CONCLUSÃO

O Ser-Homem, a caminho de sua realização, manifesta suas potencialidades nas encruzilhadas dos tempos. Os pronunciamentos dos gênios dão cobertura à grande luta que se trava na consciência universal, individualizada no Homem que vive, em cada época, uma parcela de seu Destino, numa tentativa sempre renovada de equacionamento do problema de sua entelequia existencial.

Tôda palavra foi, alguma vez, algum dia, um poema, dizia Emerson. E o foi, porque tudo que se relaciona com a condição humana, o condicionamento do Homem e sua ânsia de expressar seus mais profundos anseios de realização, através da linguagem intuitiva, que é a da Arte, representa uma **palavra viva do eterno "Homo in fieri"**.